



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CAMPUS AGRESTE  
NÚCLEO DE GESTÃO  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

JHONATTAN WASHINGTON SILVA SABINO DOS SANTOS

**CÁLCULO DO ÍNDICE DE CONFIANÇA DO SETOR TÊXTIL E DE  
CONFECÇÕES NO ESTADO DE PERNAMBUCO**

Caruaru

2024

JHONATTAN WASHINGTON SILVA SABINO DOS SANTOS

**CÁLCULO DO ÍNDICE DE CONFIANÇA DO SETOR TÊXTIL E DE  
CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas.

**Área de concentração:** Estatística.

**Orientador (a):** Prof. Dr. Klebson Humberto de Lucena Moura

Caruaru

2024

## **AGRADECIMENTOS**

Rendo graças ao Bom Deus e à sua mãe Maria Santíssima pela conclusão de uma etapa tão importante e relevante em minha vida acadêmica, minha primeira graduação. Em um tempo mais longo que deveria, porém “a paciência tudo alcança” conforme mencionado no belo poema de Santa Teresa D’Avila. Registro agradecimentos formais aos meus pais, familiares e professores (especialmente ao meu orientador por me acolher desde o primeiro dia de faculdade) que me apoiaram durante toda minha vida acadêmica até aqui, desde o jardim de infância ao meu trabalho de conclusão de curso, todos estes contribuíram de forma ímpar com minha formação (acadêmica, pessoal e profissional).

Ademais, quero agradecer aos meus companheiros e amigos de trabalho que sempre me ajudaram bastante na construção de uma mentalidade profissional e em meu amadurecimento ao longo desse tempo. Aos meus amigos pessoais, de diferentes fases de minha vida, que estão comigo há anos, em especial as pessoas que passaram comigo e me ajudaram, de certa forma, com o meu discernimento de curso e em momentos tensos da graduação, em especial na pandemia do covid-19 (aqui vai uma singela homenagem aos falecidos pela doença, em especial, meu bisavô) e ao falecimento de meu avô.

Por fim, como de vontade especial dela pela preferência do último lugar, agradeço à minha irmã que está no céu, Irmã Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, em nome de toda a Igreja (em especial, à minha paróquia e diocese), por me ajudar a revigorar na fé em momentos complexos e difíceis da minha vida, novamente agradeço a Deus pelo dom da vida e da fé.

Nada te perturbe, nada te espante  
Tudo passa, Deus não muda  
A paciência tudo alcança  
Quem a Deus tem, Nada lhe falta:  
Só Deus basta.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAP	Aglomerado de Confecções do Agreste
APL	Arranjo Produtivo Local
CATI	Computer-assisted Telephone Interviewing
CNI	Confederação Nacional da Indústria
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICC	Índice de Confiança do Consumidor
IC-PMN	Índice de Confiança do Pequeno e Médio Negócio
ICEI	Índice de Confiança do Empresário Industrial
ICETEC	Índice de Confiança do Empresário do Setor Têxtil e de Confecções em Pernambuco
ICI	Índice de Confiança da Indústria
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
NTCPE	Núcleo Gestor da Cadeia Têxtil e de Confecções de Pernambuco
RMR	Região Metropolitana do Recife
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

## **Cálculo do Índice de Confiança do Setor Têxtil e de Confeções em Pernambuco**

### **Calculation of the Confidence Index for the Textile and Clothing Sector in Pernambuco**

**Jhonattan Washington Silva Sabino dos Santos<sup>1</sup>**

---

#### **RESUMO**

O presente trabalho aborda a cadeia têxtil e de confeções do estado de Pernambuco como uma das principais forças econômicas regionais, especialmente no Arranjo Produtivo Local que está localizado no Agreste Central do estado. Dado isto, esse setor passou a ser mensalmente analisado através de pesquisa de sondagem afim de acompanhar as expectativas econômicas setorial.

O objetivo da sondagem é identificar tanto as perspectivas econômicas dos últimos seis meses, quanto as expectativas econômicas dos próximos seis meses em diversos setores a partir da visão empresarial, demonstrando assim, um índice de confiança setorial, o único específico para esse setor exclusivo em algum estado brasileiro. O Índice de Confiança, conforme abordado, faz-se relevante devido sua capacidade preditiva de algumas variáveis macroeconômicas.

**Palavras-chave:** Índice de Confiança; Expectativas Econômicas; Setor Têxtil e de Confeções; Economia pernambucana.

---

#### **ABSTRACT**

The present work addresses the textile and clothing industry in the state of Pernambuco as one of the main regional economic drivers, particularly within the Local Productive Arrangement located in the Central Agreste region of the state. This sector has come to be subjected to monthly analysis through sectoral survey research. The research's

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: jhonattanwashington@ufpe.br

objective is to identify both the economic outlook of the past six months and the economic expectations for the next six months across various sectors from the business perspective. This will, in turn, demonstrate a sector-specific confidence index, the only one of its kind in any Brazilian state. The Confidence Index, as discussed, is highly relevant due to its predictive capacity for certain macroeconomic variables.

**Keywords:** Confidence Index; Economic Expectations; Textile and Clothing Sector; Pernambuco Economy.

---

**DATA DE APROVAÇÃO:** 27 de MARÇO de 2024.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos dos filósofos clássicos da Grécia Antiga, o tema de expectativas era comumente abordado e discutido. Conforme observado por Camargos (1993), preocupações sobre incerteza e expectativas são pontuadas desde as indagações socráticas sobre “o que seria uma vida boa?”, até seu contemporâneo Platão, discorre sobre esse tema em *A República*, no famoso mito da caverna, em que apresenta um universo teleologicamente ordenado e racional, em que tudo tem seu lugar e propósito.

À medida que a civilização avançava, outras disciplinas além da filosofia começaram a explorar mais profundamente o tema da incerteza e das expectativas. O cenário mudou significativamente com o surgimento das teorias do matemático Blaise Pascal (1623-1662), que desenvolveu sua teoria clássica da probabilidade, seguida por Laplace (1749-1827), que transformou o tema em uma área com aplicações matemáticas sólidas.

No campo da economia, diversos autores já se debruçaram sobre a questão das expectativas. John Keynes (1883-1946), por exemplo, expressou sua preocupação com a psicologia dos negócios, argumentando que o estado de confiança desempenha um papel fundamental na formação das expectativas empresariais.

Conforme o avanço do pensamento econômico, as expectativas dos indivíduos passaram a ter um papel fundamental na teoria econômica moderna; pode-se definir como um marco dessa linha o pensamento de John Muth (1930-2005) que busca definir as expectativas racionais e tornou esse tema um dos elementos teóricos mais importantes para o desenvolvimento da macroeconomia moderna.

Com o progresso do pensamento econômico, as expectativas dos indivíduos passaram a desempenhar um papel crucial na teoria econômica moderna. Um marco importante nesse desenvolvimento foi o trabalho de John Muth (1930-2005), que introduziu o conceito de expectativas racionais e elevou esse tema a um dos elementos teóricos mais relevantes para o desenvolvimento da macroeconomia moderna.

Essa evolução teórica possibilitou a criação do primeiro índice de confiança, o Índice de Confiança do Consumidor da Universidade de Michigan, elaborado pelo professor George Katona, da Universidade de Michigan. Esse índice tinha como objetivo

captar as percepções dos consumidores a curto prazo. Desde então, uma série de índices de confiança foi desenvolvida, com enfoques geográficos e setoriais específicos. Esses índices revelaram-se instrumentos valiosos para orientar tomadores de decisões em várias áreas, permitindo que alguns deles fizessem previsões de variáveis macroeconômicas com base nas expectativas do público.

O atual estudo tem como propósito calcular e analisar os resultados do Índice de Confiança do Setor Têxtil e de Confecções em Pernambuco, devido à sua relevância na avaliação da economia deste estado, em especial pelo setor causar um dos maiores impactos na economia local, especialmente na mesorregião do Agreste Pernambucano, a análise está pautada nas expectativas empresariais e em suas percepções acerca do setor e da economia pernambucana ao longo do tempo.

A pesquisa está organizada em cinco seções, nas quais esta introdução proporciona uma contextualização do tópico central. A segunda seção oferece uma contextualização histórica e acadêmica sobre os índices de confiança e sua relação com probabilidade, incerteza e expectativas, incluindo uma revisão bibliográfica sobre as capacidades preditivas desses índices, além disso, a sessão apresenta a cadeia produtiva têxtil e de confecções, com ênfase no setor de moda no Brasil e no Arranjo Produtivo Local de Pernambuco, com foco no Polo 3. A terceira sessão aborda a metodologia utilizada e a abordagem adotadas para a coleta de dados. A quarta seção expõe a análise dos resultados, com a interpretação dos dados obtidos. Finalmente, na última seção, são apresentadas as considerações finais, destacando a contribuição deste trabalho para o alcance dos objetivos estabelecidos.

---

## 2 ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO SETOR TÊXTIL E DE CONFECCÇÕES

Os índices de confiança desempenham um papel fundamental no cenário econômico atual pois oferece dados valiosos sobre as perspectivas e expectativas dos empresários em relação à economia, especialmente pela velocidade em que são divulgados. Esses índices são ferramentas essenciais para analistas, governos, investidores e tomadores de decisão, pois fornecem uma visão abrangente do ambiente empresarial e podem influenciar uma ampla gama de decisões estratégicas e políticas.

Especialmente os índices de confiança empresariais refletem o otimismo ou pessimismo dos empresários em relação às condições econômicas presentes e futuras. Quando os empresários estão confiantes, tendem a investir mais em seus negócios, expandir operações, contratar mais funcionários e buscar oportunidades de crescimento. Por outro lado, se a confiança empresarial é baixa, as empresas podem adotar uma postura mais conservadora, reduzindo investimentos e adiando decisões de contratação e expansão. Desta forma, um índice de confiança empresarial pode servir como indicadores antecedentes do desempenho econômico futuro e são cruciais para prever tendências macroeconômicas, especialmente em relação ao aumento da produção, consumo e investimento da região.

Portanto, os índices de confiança empresarial são essenciais para os formuladores de políticas econômicas, pois ajudam a identificar áreas de preocupação e orientar a tomada de decisões para estimular o crescimento e a estabilidade econômica. Em resumo, os índices de confiança empresariais desempenham um papel crítico na avaliação do clima econômico e na previsão de tendências futuras. Ao fornecer uma medida objetiva do sentimento empresarial, esses índices ajudam a orientar decisões estratégicas em todos os setores da economia, desde investimentos empresariais e contratações até políticas governamentais e decisões de investimento financeiro.

Desta forma, um índice de confiança empresarial para a cadeia têxtil do estado de Pernambuco se torna uma ótima ferramenta de análise econômica regional pois este setor contribui significativamente na economia estadual desde sua importância histórica até a atualidade, especialmente no agreste pernambucano.

### 2.1 Expectativas Econômicas e Índices de Confiança

Conforme o avanço do pensamento econômico, as expectativas dos indivíduos passaram a ter um papel fundamental na teoria econômica moderna; pode-se definir que um marco dessa linha de pensamento foi a publicação do artigo *Rational Expectations and the Theory of Price Movements* escrito por John Muth em 1961, que buscou definir as expectativas racionais, a partir disso, este tema se tornou um dos elementos teóricos mais importantes para o desenvolvimento da macroeconomia moderna.

Desta forma, vale uma revisão bibliográfica e histórica sobre o pensamento matemático passando pelos temas de probabilidade, incerteza e expectativas até chegar nos índices de confiança e seu caráter preditivo de variáveis macroeconômicas, pois desta forma, consegue-se apresentar uma formulação teórica na elaboração do índice.

### 2.1.1 Revisão Bibliográfica da Evolução Estatística até os Índices de Confiança

A revisão bibliográfica e histórica proposta é essencial para estabelecer uma base sólida de compreensão dos conceitos fundamentais da matemática e da estatística, esta revisão está seguindo a dissertação de mestrado de Camargos em 1993, intitulado de *Fundamentos para uma teoria de expectativa econômica*.

Ao longo do tempo, os matemáticos têm se dedicado a compreender e definir conceitos cruciais como probabilidade, incerteza e expectativas. Esses conceitos não são apenas abstrações matemáticas, mas têm implicações significativas em campos práticos, como a economia.

Os economistas reconhecem cada vez mais a importância das expectativas na análise econômica. As expectativas dos agentes econômicos, como consumidores e empresários, influenciam diretamente seu comportamento e decisões. Por exemplo, expectativas otimistas podem levar a um aumento nos investimentos e no consumo, impulsionando o crescimento econômico, enquanto expectativas pessimistas podem levar à contração econômica. Portanto, entender como os conceitos de probabilidade, incerteza e expectativas evoluíram ao longo do tempo é crucial não apenas para os matemáticos, mas também para os economistas.

#### 2.1.1.1 Probabilidade

Em Camargos (1993), podemos acompanhar a evolução da estatística a partir de quando o matemático Blaise Pascal introduziu a teoria clássica da probabilidade e

posteriormente desenvolvida por Laplace. Nessa teoria, a probabilidade é definida como a razão entre eventos favoráveis e eventos igualmente prováveis.

Contudo, em seu estudo sobre a ausência de uma matemática de causalidade até o Renascimento, Hacking (1975) argumenta que os termos "provável" e "probabilidade" eram considerados opiniões subjetivas e, portanto, opostos ao conhecimento científico, que deveria ser baseado em observações. Segundo o autor, o conceito de probabilidade emergiu quando a opinião, diretamente associada à autoridade, foi substituída pela evidência, um conceito que surgiu nas chamadas "ciências inferiores", como a alquimia e a medicina, nas quais era difícil obter provas demonstrativas e, portanto, era necessário recorrer a evidências.

Em Camargos (1993), pode-se aferir que teóricos clássicos podem ser considerados deterministas, uma vez que acreditavam que os eventos estavam interligados em uma "cadeia causal", na qual cada evento era determinado pelos que o precediam, fornecendo razões suficientes para o encadeamento dos eventos. Esse pensamento segue a ideia platônica de um universo racional e ordenado. Além disso, os teóricos clássicos postularam a existência de regras objetivas para a geração e combinação de probabilidades.

Continuando na esfera da probabilidade, é importante destacar duas linhas de pensamento antagônicas que se concentram nos aspectos epistêmicos e subjetivistas. Como explicado por Camargos (1993), a abordagem epistêmica considera que as probabilidades são "crenças que os agentes mantêm sobre o mundo, ou seja, uma forma de conhecimento". Atualmente, essa abordagem é representada principalmente por duas escolas de pensamento: a teoria lógica ou a priori de probabilidade, cujo precursor foi Keynes (1921); e a teoria subjetivista de probabilidade, iniciada por Ramsey (1926). Além disso, há a teoria da frequência relativa da probabilidade, desenvolvida por Mises (1928).

Keynes acreditava que a probabilidade era objetiva "porque estava relacionada ao grau de crença racional que deveria ser mantido sob determinadas condições, em vez de ser apenas uma questão de opiniões individuais que podem ou não ser racionais". Por outro lado, a visão subjetivista, conforme explicado por Camargos (1993), interpreta a teoria da probabilidade como o grau de crença em uma hipótese ou evento mantido por um indivíduo racional em um ponto específico no tempo.

A abordagem da frequência relativa de Mises baseia-se na suposição de que muitos fenômenos naturais exibem frequências relativas estáveis, como o lançamento de

uma moeda com os resultados "cara" ou "coroa" e o nascimento de bebês do sexo "masculino" ou "feminino". Conforme apontado por Camargos (1993), a probabilidade, segundo essa abordagem, é aplicada apenas a eventos coletivos, excluindo eventos únicos.

No entanto, é relevante ressaltar a importância da revolução que ocorreu no campo da ciência com o advento da mecânica quântica, iniciada por Max Planck e continuada por nomes como Albert Einstein, Erwin Schrödinger e Niels Bohr. De acordo com Heisenberg (1927), essa revolução "tornou os processos elementares intrinsecamente indeterminísticos, considerando a probabilidade como uma parte inseparável desses processos".

### 2.1.1.2 Incerteza

Com isso, observa-se que todo o desenvolvimento apresentado na discussão sobre probabilidade foi fundamental para reflexões matemáticas sobre incerteza. Em geral, há duas maneiras de abordagem econômica, a clássica, em que a economia é formulada como um sistema em que deve ser explicado seu funcionamento e; a segunda em que considera a economia como uma diversidade de situações que resulta nas ações escolhidas. Partindo do pressuposto clássico em que a economia é um sistema, "a incerteza emerge como falha em prever o estado do sistema, a partir de supostas leis e da informação disponível no estado inicial", e seguindo a outra abordagem, a "incerteza é uma dimensão necessária a cada tomador de decisões" (CAMARGOS, 1993)

Desta forma, Knight (1921) afirma que na abordagem clássica "incerteza é inseparável de uma crise real na ciência econômica, enquanto na segunda [abordagem], incerteza é um componente normal do conhecimento econômico".

Aprofundando um pouco mais no tema, segue um apanhado histórico sobre incerteza no pensamento econômico conforme demonstrado na tabela 1.

**Tabela 1 - Revisão bibliográfica sobre incerteza**

<b>Probabilidade é um objeto do conhecimento ou crença</b>	<b>Probabilidade é tanto um objeto do conhecimento quanto uma propriedade de realidade externa</b>
--	--

Incerteza corresponde a uma situação em que a probabilidade é numericamente mensurável	Subjetivistas	Proponentes das expectativas racionais
Incerteza corresponde a uma situação em que a probabilidade é numericamente imensurável	Keynes	Knight

---

Fonte: Camargos (1993)

### 2.1.1.3 Expectativas

A abordagem econômica centrada nas expectativas teve seu início com Myrdal (1927) e alguns membros da escola sueca, que introduziram as expectativas como variáveis explícitas em modelos macroeconômicos. Esse desenvolvimento na análise econômica, que destaca o papel das expectativas, é frequentemente associado a Keynes. Isso porque dois dos três principais determinantes da demanda agregada, ou seja, o investimento e a preferência pela liquidez, dependem essencialmente das expectativas dos agentes, conforme destacado por Hoover (1997).

Além disso, diversos estudos das décadas de 1960 e 1970, especialmente aqueles focados na inflação, basearam-se na premissa das "expectativas adaptativas" (Laidler & Parkin, 1975). No entanto, um marco significativo na abordagem macroeconômica surgiu com a introdução das expectativas racionais por Muth (1961).

Até a contribuição de Muth, a teoria neoclássica de expectativas estava fundamentada na hipótese do valor futuro de Fisher (1911), que postula que o valor futuro de uma variável é uma função de seus valores passados (expectativas adaptativas). No entanto, Muth (1961) identificou duas falhas centrais nas expectativas adaptativas: a ideia de que as pessoas cometem sistematicamente os mesmos erros e a suposição de que ignoram informações valiosas ao formar suas crenças. Muth formalizou essas críticas introduzindo a hipótese das "expectativas racionais".

De acordo com Muth (1961), as variáveis econômicas são geradas por processos sistêmicos, e à medida que os agentes econômicos aprendem, passam a compreender melhor esses processos. Portanto, "as expectativas das empresas (ou, mais amplamente, a distribuição de probabilidade subjetiva dos resultados) tendem a convergir para o mesmo conjunto de informações, como prevê a teoria (ou a distribuição de probabilidade

objetiva dos resultados)". Dessa forma, a solução matemática do modelo coincide com as expectativas dos agentes, e qualquer discrepância indica que ou a teoria do modelo está incorreta ou o agente falhou em utilizar todas as informações disponíveis.

No entanto, Sheffrin (1983) levanta críticas às expectativas racionais, questionando como os indivíduos realmente aprendem e descobrem as distribuições de probabilidades verdadeiras. Ele indaga se a hipótese de Muth representa adequadamente o comportamento racional dos agentes.

Retornando ao pensamento keynesiano e explorando sua Teoria Geral em relação às expectativas, Keynes (1936) argumenta que "em última análise, toda produção visa satisfazer o consumidor." Normalmente, há um intervalo de tempo entre o momento em que o produtor incorre em custos e o momento em que o consumidor final adquire o produto. Nesse sentido, tomar decisões com base em previsões, ou seja, nas expectativas, se torna um elemento essencial para os empresários.

Além disso, Keynes expressa uma preocupação significativa com a psicologia dos negócios, enfatizando que o estado de confiança desempenha um papel crucial na formação das expectativas empresariais.

### 2.1.2 Índices de Confiança

Conforme mencionado por Keynes, Knight (1924) também reconhece a importância da percepção das incertezas no contexto empresarial, especialmente em relação à lucratividade das empresas. Knight distingue entre incerteza objetiva e subjetiva, com foco nas percepções subjetivas dos gestores em relação ao ambiente externo no qual as empresas operam. Ele destaca que essas percepções moldam as estratégias empresariais e, conseqüentemente, os lucros das empresas e dos setores em geral.

Nesse contexto, como destacado por Júnior & Claro (2014), ganha destaque o papel dos índices de confiança. Isso ocorre porque, uma vez que as expectativas e percepções dos agentes econômicos não podem ser medidas diretamente, os índices são construídos por meio de questionários que avaliam as percepções atuais e futuras sobre a economia, as empresas ou setores específicos. Esses índices são uma tentativa de medir como os agentes julgam os impactos de choques econômicos em diferentes aspectos.

Uma das principais lacunas que os índices de confiança buscam preencher está relacionada ao fato de que muitos indicadores econômicos são divulgados com algum

atraso. Os índices de confiança, por sua vez, fornecem dados mais atualizados, uma vez que refletem as expectativas e percepções econômicas dos agentes. Essa agilidade, como observado por Chernavsky (2018), é evidente nos índices de confiança de consumidores e empreendedores, que são às vezes utilizados para prever o nível de atividade econômica. Vários estudos procuraram correlacionar esses índices com os níveis de atividade econômica e confirmaram a existência de alguma previsibilidade por parte dos índices de confiança.

Consequentemente, como demonstrado por Oliveira (2015), os "indicadores de confiança dos consumidores são usados pelos formuladores de políticas econômicas como parte de seu conjunto de informações ao tomar decisões, seja em relação à política monetária ou fiscal."

Essa capacidade explicativa dos indicadores de confiança é evidenciada desde Garner (1991), que ressalta a importância dos índices, pois algumas variáveis econômicas, como preço e renda, influenciam as expectativas dos consumidores. No entanto, há uma componente psicológica na escolha do consumo, na qual as expectativas das famílias desempenham um papel significativo. Leeper (1992) também aponta que variações inesperadas nos índices dos consumidores podem prever avanços futuros na produção industrial e no desemprego.

Chernavsky (2018) destaca que a correlação estatisticamente significativa entre os índices de confiança e a atividade econômica pode ser explicada de duas maneiras. A primeira interpreta essa relação como indicativa de que os índices de confiança podem afetar o nível de atividade econômica, sugerindo um papel causal na explicação das flutuações econômicas. A segunda interpretação argumenta que os índices não causam diretamente mudanças na economia, mas incorporam informações difusas sobre o crescimento futuro da produtividade. No entanto, é desafiador determinar qual das duas interpretações se aplica a cada caso específico, especialmente considerando o elemento do "espírito animal" mencionado por Keynes, que pode influenciar as decisões de consumo e investimento.

Além disso, Fuhrer (1993) identifica cinco teorias sobre o papel dos índices de confiança dos consumidores: i) eles têm a capacidade de causar mudanças na economia; ii) são bons indicadores para prever alterações futuras na economia; iii) refletem as expectativas dos consumidores, influenciando suas ações; iv) podem fornecer mais informações sobre a economia atual do que alguns dados defasados; v) simplesmente refletem a economia presente de acordo com os dados já conhecidos.

É importante mencionar a importância da gestão empresarial competente, a integração entre economia e gestão estratégica é essencial para investigar como o capital humano, competências e recursos interferem no cenário microeconômico. Isso ocorre porque, como apontado por Hambrick e Quigley (2013), a percepção de incerteza dos empreendedores pode ter um impacto significativo na economia, como no caso do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), que influencia o panorama setorial da indústria.

Portanto, de acordo com Carmo (2018), "a percepção de incerteza do empresário é um indicador significativo, uma vez que influencia as expectativas do tomador de decisão, o que, por sua vez, pode afetar o desempenho da empresa". Isso está em consonância com a visão apresentada por Knight (1924), que destaca a influência das percepções subjetivas na tomada de decisões empresariais, moldando estratégias e posições competitivas distintas.

Por fim, como salientado pela CNI (2015), o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) é um indicador líder utilizado para identificar mudanças na tendência da produção industrial. É importante observar que o primeiro índice de confiança foi criado nos anos 1940 nos Estados Unidos pelo professor George Katona, da Universidade de Michigan, com o objetivo de captar as percepções dos consumidores a curto prazo. Desde então, diversos índices de confiança foram desenvolvidos, cada um com suas especificidades geográficas e setoriais.

#### 2.1.2.1 Índices de Confiança e seu caráter preditivo acerca das atividades econômicas

Como destacado por Chernavsky (2018), uma extensa literatura internacional tem explorado as possíveis relações empíricas entre os índices de confiança e os indicadores do nível de atividade econômica em vários países. A maioria desses estudos identifica uma relação estatisticamente significativa entre os índices de confiança e os indicadores econômicos. Em Santero e Westerlund (1996), é possível observar que os indicadores de confiança fornecem informações úteis para a análise da situação econômica e a previsão da trajetória futura em diversos países membros da OCDE. De acordo com Júnior (2014), os índices de confiança empresarial frequentemente demonstram um poder preditivo superior em comparação aos índices de confiança dos consumidores.

Jansen e Nahuis (2003) realizaram uma seleção de indicadores de consumo em países europeus e constataram que tanto os índices de confiança dos empresários quanto

os dos consumidores são relevantes para previsões futuras quando analisados individualmente. No entanto, em alguns países, a inclusão dos índices de confiança dos consumidores no modelo não proporciona informações significativas quando combinadas com os indicadores de confiança dos empresários.

Além dessas pesquisas internacionais, há também uma rica literatura nacional sobre o tema. Bentes (2006), por exemplo, utilizou o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) da Federação do Comércio de São Paulo para prever a evolução do faturamento do comércio. Marconcini (2011) demonstrou que a inclusão do Índice de Confiança da Indústria (ICI) da FGV em modelos explicativos aumenta a capacidade de previsão da produção industrial, embora a inclusão do Índice de Confiança do Consumidor (ICC) não tenha o mesmo resultado. Mello e Figueiredo (2014) também evidenciaram a capacidade do ICI em prever atividades econômicas. Júnior (2014) demonstrou o poder explicativo das mudanças nas expectativas dos empresários por meio do Índice de Confiança do Produtor Mineral e de Energia (IC-PMN) em relação à evolução das variáveis econômicas, demonstrando seu valor considerável.

Além disso, Graminho (2015) destacou o poder de previsão tanto do ICI quanto do ICC em relação ao consumo e à produção industrial. Chernavsky (2018) também demonstrou que o ICC e o ICI podem contribuir na elaboração de previsões sobre a evolução das vendas no varejo e da produção industrial.

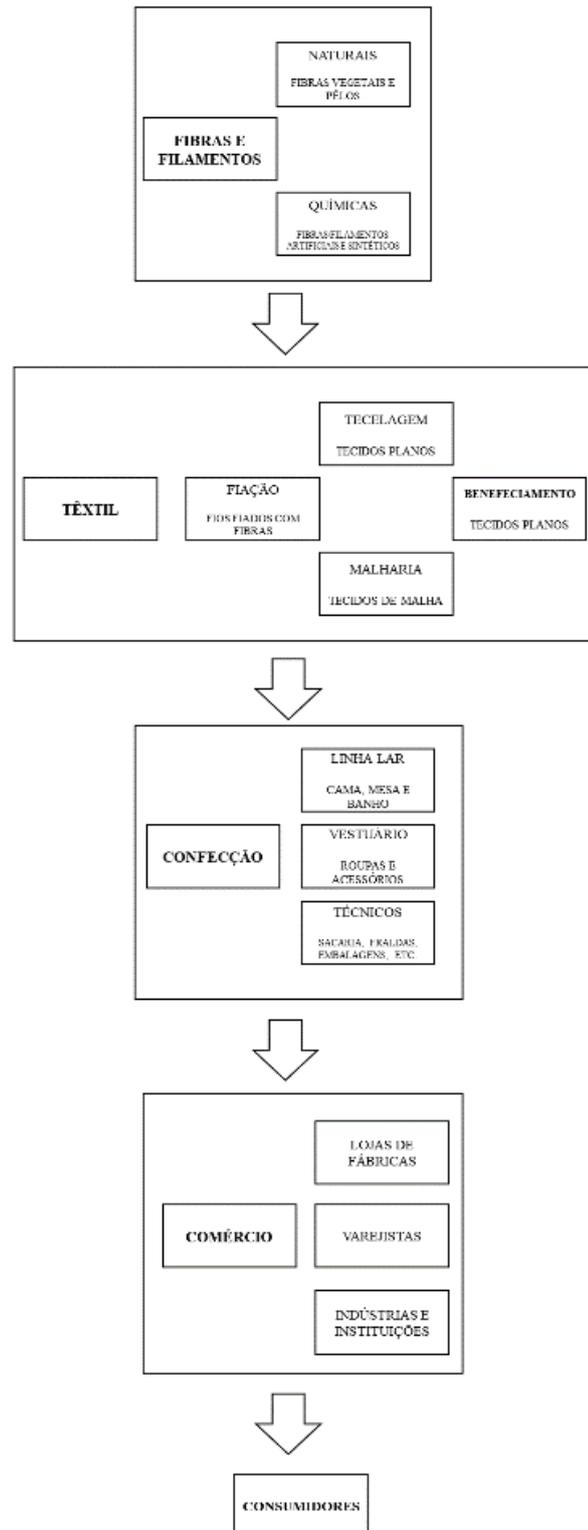
Esses estudos tanto a nível internacional quanto nacional revelam a importância dos índices de confiança como ferramentas valiosas na análise e previsão da atividade econômica, destacando a relevância desses indicadores como instrumentos de monitoramento e tomada de decisão em diferentes contextos econômicos.

## 2.2 Cadeia Têxtil e de Confecções

A cadeia produtiva da moda é expressa através do sistema têxtil e de confecções configurado como uma *filière* (RECH, 2015), ou seja, é a coordenação e a integração entre as fases de produção da matéria-prima e as fases industrial e distributiva. Segundo Rech (2008), esse setor apresenta algumas especificidades, sendo elas: “heterogeneidade estrutural e tecnológica; segmentação produtiva; relações de subcontratação; bifurcação entre as atividades produtivas (materiais) e as funções corporativas (imateriais).” Essa singularidade do setor é apresentada por Ciamiené & Vienazindiené (2014) devido à sua complexidade, dinamismo, variedade, velocidade e volatilidade.

O termo *filière* vem do francês e explica um sistema sequencial de “atividades empresariais que conduzem a uma sucessiva transformação de bens, do estado bruto ao acabado ou designado ao consumo” (RECH, 2015). Ainda segundo a autora, “a cadeia de produção é dotada de elevado grau de complementaridade e engloba diversos setores produtivos, desde as atividades manufatureiras de base até os serviços avançados de distribuição.” conforme apresentado na Figura 1:

**Figura 1:** Cadeia Produtiva Têxtil, de Confecções e Comercial



### 2.2.1 Cadeia Produtiva Têxtil e de Confecções

A cadeia produtiva da moda pode ser dividida em três grandes segmentos industriais, cada um com diferentes escalas de operação. Esses segmentos incluem o

fornecimento de fibras e filamentos químicos, que juntamente com as fibras naturais do setor agropecuário, constituem as matérias-primas essenciais para as indústrias de manufaturados têxteis (fios, tecidos e malhas) e para a confecção de produtos acabados (vestuário, produtos para o lar, etc.) (IEMI, 2001).

O processo de produção nesse setor abrange os seguintes estágios, conforme apontado em Rech (2008): i) produção da matéria-prima; ii) fiação; iii) tecelagem; iv) acabamento/beneficiamento; v) confecção; e vi) mercado. Além disso, o conceito de produto de moda pode ser definido como "qualquer elemento ou serviço que combina as características de criação (design e tendências de moda), qualidade (conceitual e física), usabilidade, aparência (apresentação) e preço, de acordo com as preferências e demandas do segmento de mercado ao qual o produto se destina" (RECH, 2002).

O setor da moda é notadamente singular, desempenhando um papel fundamental na economia global e liderando as mudanças estruturais da economia internacional, conforme observado por Kilduff et al. (2001). Seguindo essa linha de pensamento, Lupatini (2004) argumenta que a indústria têxtil desempenhou um papel crucial na transição das manufaturas para as grandes indústrias, como evidenciado durante a Primeira Revolução Industrial, conforme relatado por Landes (1969). Sachs (2005) também destaca que o setor de confecções pode ser uma maneira para nações economicamente desfavorecidas iniciar o processo de desenvolvimento, citando o exemplo de Bangladesh.

É interessante notar a visão de Gimeno (2000) sobre o setor da moda, que o considera um instrumento eficaz para aumentar a competitividade das empresas, uma vez que permite a diferenciação de produtos e, por consequência, das empresas. Isso ocorre devido à capacidade de diferenciação por meio da produção, promoção, distribuição e criatividade. Além disso, Cholachatpinyo et al. (2002) destacam que a moda é capaz de refletir sobre a vida das pessoas e as mudanças culturais, econômicas, estéticas, políticas e sociais.

### 2.2.2. Setor da Moda no Brasil

O setor de moda do Brasil figura entre os principais no mundo e representa um dos maiores parques produtivos de confecção têxteis. Apesar do setor configurar uma boa parcela da economia brasileira, é possível observar um declínio frente ao mercado global, como demonstrado em Costa & Rocha (2009), a participação brasileira no comércio mundial de produtos têxteis e confeccionistas declinou de 0,7% para 0,3% entre os anos

de 1997 e 2007, especialmente com o crescimento exponencial dos mercados asiáticos, principalmente após a inserção chinesa como concorrente no mercado, trazendo uma preocupação para as empresas brasileiras. Esse declínio, conforme demonstrado por Nonnenberge (2010) fez aumentar significativamente as produções científicas no campo da moda no Brasil nos últimos anos, pois está sendo necessário uma maior quantidade de estudos para competir com o mercado, escala de produção e qualidade dos produtos.

Conforme apontado em Yamaguchi (2015), esse significativo aumento na produção científica do setor é mais nítido na temática de gestão, em que, conforme aponta a autora, há uma necessidade de analisar e comparar a cadeia produtiva da China e do Brasil, as estratégias de inovação em Arranjos Produtivos Locais (APLs), a característica da volatilidade do setor da moda, o sistema de gestão frente às pressões ambientais no setor, o desenvolvimento voltado às novas tecnologias, as características regionais da indústria brasileira da Moda, e o interesse em analisar o nível de habilidade cognitiva dos empresários no mercado; além de questões gerenciais, a temática do marketing também foi bastante visualizada nesse crescimento de interesse acadêmico dos últimos anos.

### 2.2.3. Arranjo Produtivo Local de Confecções de Pernambuco

Conforme apresentado em Amorim (2013), durante as décadas de 1980 e 1990, surgiu, no Estados Unidos áreas comerciais conhecidas como “distritos industriais”, um dos exemplos claros desses locais é o Vale do Silício, localizado no estado da Califórnia, e desde então iniciativas semelhantes tendem a serem feitas pelos governos locais a fim de levarem desenvolvimento local a suas regiões. No Brasil, essas atividades são conhecidas como Arranjos Produtivos Locais (APLs), em que seu termo se demonstra bastante atraente para o propósito de desenvolver regiões menos desenvolvidas que necessitam de mais investimentos. (SILVA, DINIZ E BARBOSA, 2010).

Ainda segundo a definição do termo Arranjos Produtivos Locais, Cassiolato e Lastres no Glossário de Arranjos Produtivos Locais o define como sendo:

A trajetória histórica de construção de identidades e de formação de vínculos territoriais (regiões e locais) a partir de uma base social, cultural, política e econômica comum. São propícios a desenvolverem-se em ambientes favoráveis à interação, a cooperação e a confiança entre os atores. A ação de políticas tanto

públicas como privadas pode contribuir para fomentar e estimular tais processos históricos de longo prazo. (2003, p. 4)

Em que o Sebrae (2005) caracteriza APLs como sendo uma região geográfica que abrange uma grande quantidade de empresas da mesma atividade produtiva. A introdução de APLs são positivas, segundo Silva (2009) porque a dinâmica das aglomerações empresariais tende a favorecer o aumento da geração do emprego e da renda, em que as externalidades positivas cheguem a outros municípios, o chamado “efeito de transbordamento”, diminuindo as disparidades existentes entre os vizinhos. Além de que existem diversas vantagens do associativismo entre os atores internos do APL, ultrapassando, inclusive, a especialização individual na atividade produtiva, principalmente ao se tratar de Micro e Pequenas Empresas (MPE’s) conforme abordado por Puga (2004), e toda uma rede em que as relações organizacionais são viabilizadas pela troca de informações pelos agentes (SILVA, 2012) pois essas aglomerações produtivas propiciam um ambiente favorável para compartilhamento de informações, habilidades e recursos (MULLER ET. AL, 2008).

Nesse sentido, observa-se sendo formado a partir da década de 1980, no Agreste de Pernambuco, um APL de Confecções, especialmente a partir de Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, posteriormente contando com o município de Toritama (ANDRADE, 2008), e que passa por algumas dificuldades na década de 1990 devido ao processo de abertura comercial passada pelo Brasil (SILVA, 2009), contudo após contornar e se consolidar, o APL de Confecções do Agreste Pernambucano se desenvolveu bastante.

Contudo, há algumas incongruências em relação à quantidade de cidades que fazem parte do APL, não conseguindo especificar, porém esse estudo tomará como base o do Sebrae (2012) que contabilizou 10 e Amorim (2013) quantificando 20 municípios (dentre os 71 do Agreste Pernambucano), responsáveis por um grande volume produzido e comercializado na região em termos de produtos do setor têxtil e de confecções. Sendo esses municípios vistos na tabela abaixo:

**Tabela 2 - Dados econômicos do APL**

	<b>População (2022)</b>	<b>Produto Interno Bruto (2020)</b>	<b>Número de Empresas (2023)</b>	<b>Estoque de Empregos (2024)</b>
Agrestina	23.779	R\$ 313.376,59	1.145	1.336

Altinho	20.674	R\$ 184.722,67	1.436	608
Belo Jardim	79.507	R\$ 1.962.322,81	5.477	11.426
Brejo da Madre de Deus	48.650	R\$ 423.568,79	2.333	1.620
Caruaru	378.052	R\$ 7.518.244,06	47.211	81.758
Cupira	23.518	R\$ 292.039,25	1.737	1.368
Frei Miguelinho	13.636	R\$ 133.073,18	380	201
Gravatá	86.516	R\$ 1.245.186,80	7.350	11.207
Jataúba	15.843	R\$ 145.029,53	443	642
Passira	28.340	R\$ 230.800,71	921	944
Pesqueira	62.722	R\$ 761.268,90	3.788	4.721
Riacho das Almas	20.635	R\$ 217.390,95	987	1.145
Sanharó	18.624	R\$ 217.739,08	890	630
Santa Cruz do Capibaribe	98.254	R\$ 1.549.851,79	11.274	14.440
Santa Maria do Cambucá	14.013	R\$ 117.906,03	367	287
São Caitano	37.126	R\$ 406.433,83	1.705	2.253
Surubim	64.120	R\$ 821.966,36	4.437	5.897
Taquaritinga do Norte	24.736	R\$ 291.228,04	1.630	2.613
Toritama	41.137	R\$ 707.404,11	4.836	5.026
Vertentes	21.959	R\$ 178.813,12	1.006	632
Total	1.121.841	R\$ 17.718.366,60	99.353	148.754

É interessante, inclusive, o fato de que, atualmente o conhecido como ‘Polo de Confeções do Agreste’ ou ‘Polo da Moda do Agreste’, representa atualmente, segundo dados do RAIS/CAGED, 40% dos estabelecimentos e 45% de vínculos empregatícios da atividade industrial e comercial relacionada à artigos de vestuário, cenário totalmente improvável nas últimas décadas, em que a Região Metropolitana do Recife (RMR) apresentava a maior parte dessas empresas (ARAUJO, 2006).

Muito desse crescimento pode ser atribuído ao “triângulo das confecções”, termo abordado em Amorim (2017) ou Polo-3 (SEBRAE, 2013), que representa os municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, pois essas cidades são responsáveis pelo maior fluxo de produção e comercialização da região. Além disso, conforme apontado por Silva (2009) e Araújo (2006), cada um desses três municípios possui uma especialidade em um determinado tipo de produto, sendo Caruaru produzindo tecidos

planos e malhas (sendo assim, a indústria mais pulverizada), Santa Cruz do Capibaribe se especializando em artigos de malha (especialmente *surf wear*, moda praia, roupas íntimas e modinha) e Toritama sendo conhecida na fabricação de roupas jeans, com o título de “Capital do Jeans”, a relevância do Polo 3 em relação ao Polo 10, Polo 14, Polo 20 e sobre o estado de Pernambuco pode ser visualizado abaixo:

**Tabela 3 - Proporção do APL em relação ao Agreste e ao estado**

<b>Proporção do Polo 3</b>	<b>População Estimada (2021)</b>	<b>Produto Interno Bruto (2020)<sup>1</sup></b>	<b>Número de Empresas (2023)</b>	<b>Estoque de Empregos (2024)</b>
Polo 10	69,47%	79,39%	82,67%	88,37%
Polo 14	51,64%	59,20%	67,27%	71,37%
Polo 20	46,12%	55,17%	63,73%	68,90%
Pernambuco	5,35%	5,06%	7,45%	6,75%

A partir da discussão do desenvolvimento econômico gerado ao serem introduzidos APLs, Cordeiro (2015) demonstra que a partir da década de 1990 são observadas forças acumulativas no Polo 3 (ou núcleo do Aglomerado de Confeções do Agreste - ACAP -, conforme descrito pela autora), o que torna os três municípios (Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama) com maiores crescimentos populacionais e geração de emprego, que gera um efeito transbordamento ao entorno, o que faz com que o “Aglomerado de Confeções do Agreste Pernambucano” irradie o crescimento econômico da região.

Vale ressaltar que o município com maior relevância econômica para o Agreste Pernambucano, Caruaru, segue apresentando um forte crescimento econômico nos últimos anos, o Produto Interno Bruto (PIB) do município aumentou 25% entre 2017 e 2022, além disso, segundo dados da Prefeitura Municipal, no ano de 2023 foram abertas mais de 4 mil empresas na cidade e gerados cerca de 30 mil novos postos de trabalho.

---

### 3 METODOLOGIA

---

O Índice de Confiança do Empresário do Setor Têxtil e de Confecções de Pernambuco (ICETEC) é um indicador antecedente utilizado para identificar mudança de tendência na produção industrial, ou seja, auxilia na previsão do produto industrial e, por conseguinte, do PIB. Desta forma, sua metodologia é idêntica ao Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) pois esse é o indicador a nível nacional que representa as indústrias têxteis, além de que o ICEI apresenta, também, um indicador apenas para essa indústria em especial e para as indústrias a nível regional (Nordeste).

A coleta das informações é feita através de questionários aplicados às empresas identificadas como participantes do setor têxtil e de confecções de abrangência geográfica estadual específica para o estado de Pernambuco. As atividades econômicas utilizadas para a pesquisa seguem a Classificação Nacional de Atividades Econômicas, versão 2.0 (CNAE 2.0) conforme apresentadas no Anexo I, e a coleta das informações é realizada nas duas últimas semanas do mês imediatamente posterior ao mês de referência com o método Computer-assisted Telephone Interviewing (CATI), catalogando os dados por meio de entrevistas por telefone durante os meses de novembro de 2022 e fevereiro de 2024, apresentando assim, um total de dezesseis pesquisas mensais..

Desta forma, vale salientar que a pesquisa para coleta de informações aconteceu durante 16 meses ininterruptos (entre novembro de 2022 e fevereiro de 2024) junto de uma equipe especializada contratada pela empresa PH Neves Consultoria LTDA, em que o autor deste presente trabalho foi responsável pelo treinamento, acompanhamento e coordenação da equipe de coleta, além de ser responsável pelo cálculo do índice, realização e divulgação do boletim do ICETEC junto ao contratante da pesquisa (Núcleo Gestor da Cadeia Têxtil e de Confecções de Pernambuco – NTCPE) durante esse período, de forma mensal.

A quantidade média de empresários consultados foi de 250 por mês, com o intuito de acompanhar a percepção deles por esse período (a amostra mensal permaneceu o mais fiel possível à anterior, com intuito de sempre ser consultado o mesmo empresário). Em média, o perfil de amostra conta como sendo, cerca de 40% dos empresários do Polo 3 (Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe), cerca de 30% de empresários da Região Metropolitana de Recife, entre outras cidades da Zona da Mata, Litoral Pernambuco, Vale do São Francisco e Sertão Pernambucano.

O questionário aplicado está presente no Anexo II e as variáveis pesquisadas estão presentes na tabela abaixo:

<b>Tabela 4 - Variáveis pesquisadas</b>		
<b>Variável</b>	<b>Tipo</b>	<b>Período de Referência</b>
<b>CONDIÇÕES ATUAIS</b>		
Empresa	Tendência passada	Momento da resposta com relação aos últimos seis meses
Estado	Tendência passada	Momento da resposta com relação aos últimos seis meses
<b>EXPECTATIVA</b>		
Empresa	Tendência futura	Próximos seis meses com relação ao momento da resposta
Estado	Tendência futura	Próximos seis meses com relação ao momento da resposta

### 3.1 CÁLCULO DO ICETEC

O ICETEC é um indicador de difusão que varia de 0 a 100. Os indicadores de difusão são indicadores de base móvel (50 pontos), construídos de forma que os valores acima dos 50 pontos indicam empresários confiantes. O índice é construído com base em quatro perguntas:

Pap- Condições atuais da economia pernambucana

Pae- Condições atuais da empresa

Pep- Expectativa sobre a economia pernambucana

Pee - Expectativa sobre a empresa

A metodologia aplicada no índice é semelhante ao do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), ou seja, por se tratar de um índice de confiança, pode-se dividir entre Indicador de Expectativas e Indicador de Condições Atuais, em que, trata-se das expectativas para os próximos seis meses e as percepções dos últimos seis meses, respectivamente. Abaixo estão as respostas dos empresários e pesos atribuídos para os cálculos dos indicadores, neste caso, é aplicada a metodologia da Escala de Likert.

**Tabela 5 - Tipo das Respostas e Pesos**

<b>Tipo da Resposta</b>	<b>Expectativa</b>	<b>Condições Atuais</b>	<b>Peso</b>
<b>1</b>	Muito Pessimista	Pioraram Muito	0
<b>2</b>	Pessimista	Pioraram	0,25
<b>3</b>	Deve permanecer a mesma situação	Não se alteraram	0,5
<b>4</b>	Otimista	Melhoraram	0,75
<b>5</b>	Muito Otimista	Melhoraram Muito	1

Logo abaixo, pode-se observar que o peso para os indicadores das perguntas relacionadas às empresas deve ser maior que o peso para os indicadores das perguntas relacionadas à economia pernambucana por se tratar de uma análise setorial.

i. Indicador de condições atuais:

Média ponderada dos indicadores das perguntas Pap e Pae, com pesos 1 e 2, respectivamente.

$$i_{\text{condições atuais}} = \text{IPap} + (\text{IPae} \times 2) / 3$$

ii. Indicador de expectativa

Média ponderada dos indicadores das perguntas Pep e Pee com pesos 1 e 2, respectivamente.

$$i_{\text{expectativa}} = \text{IPep} + (\text{IPee} \times 2) / 3$$

Após o cálculo dos indicadores, finalmente, é possível obter o Índice de Confiança do Empresário do Setor Têxtil e de Confecções – ICETEC, que se trata de uma média ponderada entre os indicadores de Expectativas e Condições Atuais, novamente vale ressaltar que por se tratar de um índice de confiança, o peso maior se dá ao indicador de expectativas, que está relacionado com as expectativas empresariais para os próximos seis meses.

iii. Índice de Confiança do Empresário do Setor Têxtil e de Confecções

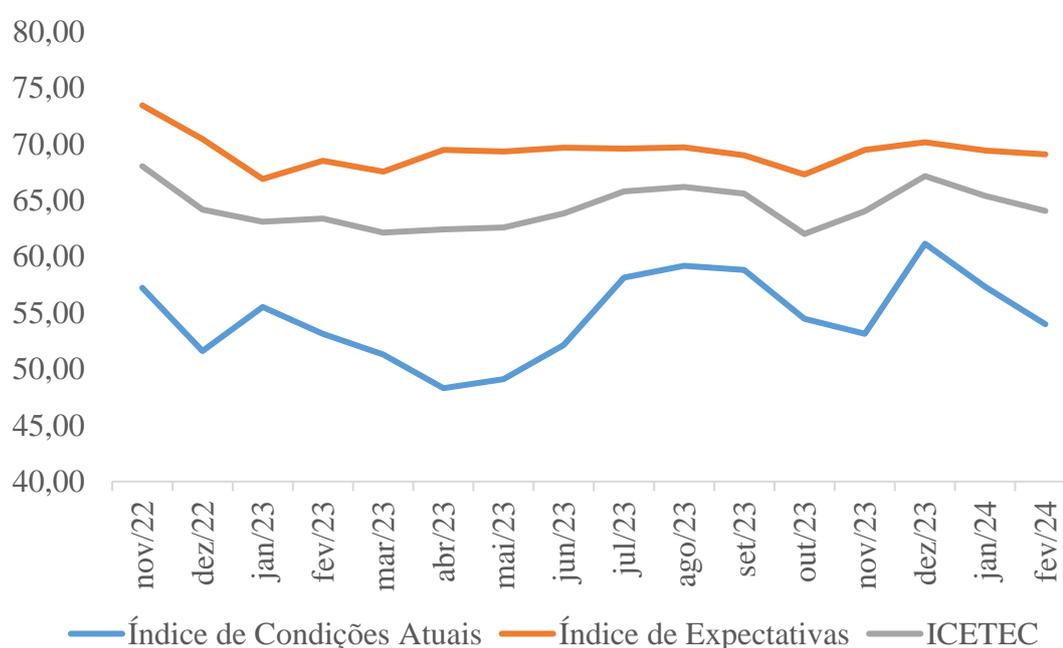
Média ponderada dos indicadores de Condições Atuais e Expectativas, com pesos 1 e 2, respectivamente.

$$\text{ICETEC} = \text{icondições atuais} + (\text{iepectativas} \times 2) / 3$$

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O Índice de Confiança do Empresário do Setor Têxtil e de Confecções - ICETEC é composto por outros dois índices, o Índice de Condições Atuais (relacionado as perspectivas em relação aos últimos seis meses) e o Índice de Expectativas (relacionado as expectativas em relação aos próximos seis meses), em que o valor base para definir se o empresariado está otimista ou pessimista é o de 50 pontos.

**Gráfico 1 – Resultados dos índices coletados**



Inicialmente, destaca-se o seguinte padrão: as expectativas econômicas empresariais para os próximos seis meses são sempre maiores que as perspectivas em relação aos últimos seis meses, isso se deve ao fato de que ao analisando os Índices de Difusão, ou seja, as expectativas em relação a algumas variáveis, especialmente à empresa, são sempre maiores que as perspectivas dos últimos meses.

Interessante pontuar que algumas questões popularmente conhecidas foram metrificadas, como, por exemplo, espera-se que os melhores períodos do ano para o setor sejam o final do ano e o da Festa de São João, que movimentam bastante o comércio local, vale destacar que segundo pesquisas da Prefeitura Municipal de Caruaru e Sindloja Caruaru/PH Neves Consultoria, durante o período junino, foram movimentados cerca de

R\$ 600 milhões apenas no município de Caruaru, principal cidade do Polo 3, e que compreende, além de sua famosa festa de São João, um comércio de artigos vestuário bastante dinâmico, e foi justamente nesse período de festas que o Índices de Condições Atuais mais alto.

Uma perspectiva empresarial notada nos índices também foi a queda dos índices entre o final de 2022 e o primeiro trimestre do ano de 2023, devido às incertezas políticas comuns geradas durante a troca no governo federal e estadual, esse cenário se reverte no mês de janeiro para o Índice de Condições Atuais pelas altas vendas de dezembro, porém esse índice, conforme visto acima, retorna a seus valores apenas com a proximidade das festas juninas.

O Índice de Expectativas pouco varia nesse período pelo fato de que ao final dos dois semestres, o setor costuma estar aquecido, porém observou-se que durante os meses de novembro de 2022 e janeiro de 2023, houve uma queda na confiança do empresariado, novamente, pelo fator de incerteza política na mudança das gestões estadual e federal, contudo, ao se aproximar do período junino, o índice retoma o patamar anterior e se estabiliza.

Além disso, uma observação importante acerca dos resultados é que toda a movimentação supracitada do índice de condições atuais consegue ser visualizada, ou seja, foram previstas pelo índice de expectativas, demonstrando assim, congruência com o que foi proposto em relação aos índices.

Com isso, pode-se interpretar que o índice de expectativas é ótimo em prever movimentos futuros da economia no setor, e que o índice de condições atuais consegue demonstrar a situação atual local.

---

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo calcular as expectativas econômicas do empresariado pernambucano do setor têxtil e de confecções a fim de captar e acompanhar informações setoriais inéditas. Essas informações podem auxiliar os agentes econômicos, especialmente os empresários da cadeia têxtil e atingidas indiretamente com o setor, além dos agentes de políticas públicas, como governos municipais, estaduais e federal, a tomarem decisões sobre o setor no estado a partir de dados concretos.

A continuidade do Índice de Confiança do Empresário do Setor Têxtil e de Confecções - ICETEC em Pernambuco é de extrema importância a partir do momento de que quanto mais publicações, maior a capacidade acadêmica de pesquisas relativas ao determinado índice, especialmente àquelas que devem correlacionar o índice com um possível caráter preditivo, visto em outros índices de confianças, especialmente o Índice de Confiança do Empresário da Indústria – ICEI, que foi a inspiração metodológica para o ICETEC.

O Índice de Confiança do Empresário do Setor Têxtil e de Confecções demonstra uma vantagem ao apresentar inicialmente as perspectivas e expectativas econômicas para o mês a partir de uma aferição quantitativa das informações obtidas através de questionários realizados, podendo calcular outros pontos, como o das vendas, estoque e contratação e geração de emprego no setor têxtil e de confecções no estado de Pernambuco, demonstrando assim, uma prévia de dados que devem se concretizar com o tempo. Além de que, o ICETEC aparenta ser ótimo em prever movimentações na cadeia têxtil e de confecções de Pernambuco, e assim, ser uma ferramenta de auxílio para decisões de políticas públicas setorial no estado.

---

## REFERÊNCIAS

Amaral Filho, J. (1996). Desenvolvimento regional endógeno em um ambiente federalista. Planejamento e Políticas Públicas

Amorim, J. F. O., dos Prazeres, R. V., & Santos, C. (2013). O desenvolvimento do APL de confecções: um estudo socioeconômico sobre o Agreste Pernambucano. Retirado de <http://www.sober.org.br/palestra/12/1537.pdf>

Andrade, T.S. (2008). A estrutura institucional do APL de confecções do agreste pernambucano e seus reflexos sobre a cooperação e a inovação: o caso do município de Toritama. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Economia, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Araújo, C.A.L. & Pereira, C.F. (2006). A indústria de confecções em Pernambuco: impactos e oportunidades em um cenário pós-ATC (Acordo sobre Têxteis e Confecções). Anais do XIII SIMPEP - Bauru, SP, Brasil, 6 a 8 de Novembro de 2006.

BELLINGIERI, Julio Cesar. Teorias do desenvolvimento regional e local: uma revisão bibliográfica. Revista de Desenvolvimento Econômico (RDE), v. 19, n. 37, p. 6-34, ago. 2017

Cabugueira, A.C.C.M. (2000). Do desenvolvimento regional ao desenvolvimento local: análise de alguns aspectos de política econômica regional. Gestão e Desenvolvimento, 9, 103-136.

CAMARGOS, Luiz Rogério de. Fundamentos para uma teoria de expectativa econômica. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.

CANDIDO, Edgar; FREITAS, Gustavo Gomes; SAMBIASE, Marta Fabiano; HAMAZAKI, Cláudia Satie; SILVA, Amanda Lino. Um estudo sobre a relação entre Fatores de Competitividade e o Índice de Confiança do Empresário Industrial. Fórum Liberdades Econômicas – Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo (SP), 5 e 6/11/2018.

Carlos Vinicius Azevedo Delmondes. Requisitos de Produção para Sistemas de PCP Aplicados a Processos de Produção por Lotes - Estudo de Caso na Indústria de Confecções da R.M.R. Dissertação de Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, julho/2008. Orientador: Prof. Dr. Antonio Nunes Barbosa Filho.

Chernavsky, Emilio. "OS ÍNDICES DE CONFIANÇA AJUDAM A ELABORAR PREVISÕES ECONÔMICAS CONFIÁVEIS?" Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 2018.

Cordeiro, M. E. L. A. (2015). O crescimento econômico dos municípios do aglomerado produtivo de confecções do Agreste Pernambucano: uma análise dos resultados da atividade de confecções no período de 1991-2010. Dissertação (Mestrado em Administração e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Brasil.

Costa, A. C. R. da & Rocha, É. R. P. da. (2008). Panorama da cadeia produtiva têxtil e de confecções e a questão da inovação. Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, 7(2), 1-18

- Etges, V. E., & Degrandi, J. O. (2013). Desenvolvimento regional: a diversidade regional como potencialidade. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, Blumenau, 1(1), p. 85-94. DOI: 10.7867/2317-5443.2013V1N1P085-094.
- FEIJÓ, A. M.; VICENTE, E. F. R.; PETRI, S. M. O uso das escalas Likert nas pesquisas de contabilidade. In: Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 13., 2013, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: USP, 2013. Disponível em: <http://www.congressosp.fipecafi.org/artigos132013/342.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- Fisher, I. (1911). *The Theory of Interest: As Determined by Impatience to Spend Income and Opportunity to Invest It*.
- Hacking, I. (1975). *The Emergence of Probability*. Cambridge: Cambridge University Press
- Hambrick, D. C., & Quigley, T. J. (2013). Top management teams: How to achieve both a balance of power and authority?
- Hoover, K. D. (1997). *The New Classical Macroeconomics: A Sceptical Inquiry*.
- Fuhrer, J. C. (1993). *Understanding the Role of Consumer Confidence in the Economy*.
- Jansen, W. J., & Nahuis, R. (2003). Understanding consumer confidence: evidence from a European survey.
- Katona, G. (1947). *Psychological Analysis of Economic Behavior*. New York: McGraw-Hill
- Keynes, J. M. (1921). *A Treatise on Probability*. Londres: Macmillan
- Knight, F. H. (1921). *Risk, Uncertainty, and Profit*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kolmogorov, A. N. (1933). *Grundbegriffe der Wahrscheinlichkeitsrechnung*. Berlin: Springer.
- Laidler, D., & Parkin, M. (1975). *Inflation: A Survey*.
- Leeper, E. M. (1992). Do consumers expect lower prices?
- Martins, S.R.O. (2002). Desenvolvimento Local: questões conceituais e metodológicas. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, 3(5), 51-59.
- Mises, R. von. (1928). *Probability, Statistics and Truth*. Nova York: Macmillan.
- MUTH, J. F. Rational Expectations and the Theory of Price Movements. *Econometrica*, v. 29, n. 3, p. 315-335, jul. 1961.
- Myrdal, G. (1927). *Monetary Equilibrium*.
- Oliveira, G. B. & Lima, J. E. S. (2010). Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, v.6, n.2, p.25-42, jul./dez. 2010
- Oliveira, F. N. & Carneiro, C. (2015). Índices de Confiança, suas influências e impactos. *Revista Econômica – Niterói*, v.17, n.2, p. 123-156.

Ramsey, F. P. (1926). *Truth and Probability*. Londres: Routledge.

Relatório final: ESTUDO ECONÔMICO DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO, 2012, realizado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de Pernambuco (Sebrae/Pernambuco), em maio de 2013.

Rech, S. R. (2002). *Modelo Conceitual de Análise Competitiva em Micro e Pequenas Empresas do Setor de Confecções*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Rech, Sandra Regina. "ESTRUTURA DA CADEIA PRODUTIVA DA MODA." *ModaPalavra e-periódico*, núm. 1, enero-julio, 2008, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Rossi Júnior, J. L. & Claro, D. P. (2014). Índice de Confiança do Empresário de Pequenos e Médios Negócios no Brasil (IC-PMN) e as Flutuações Cíclicas da Economia Brasileira. In *Inspere Working Paper*, WPE: 347/2014.

Santero, T., & Westerlund, J. (1996). *Macroeconomic Forecasting and the Transmission of Business Cycles Among Member Countries of the OECD*.

Silva, F. F., Feitosa, M. G. G., & Aguiar, V. do S. M. (2012). Uma reflexão sobre as relações de parceria nos apIs de confecções do agreste pernambucano como elemento disseminador da inovação em redes interorganizacionais. *Revista de Administração Mackenzie*, 13(4), 206-235. doi: 10.1590/S1678-69712012000400011

SIMONSEN, Mário Henrique. *Teoria econômica e expectativas racionais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1992.

YAMAGUCHI, Beatriz Ueda. *Estudo cienciométrico sobre o setor de moda no Brasil. Designer de Moda pelo Centro Universitário de Maringá – UniCesumar, Maringá, PR, Brasil. Pós-Graduação em Modelagem e Moulagem no Processo de Criação no Centro Universitário SENAC Lapa Faustolo – São Paulo, SP, Brasil. ([biauy@hotmail.com](mailto:biauy@hotmail.com))*. Recebido em: 31/03/2015 – Aprovado em: 15/05/2015 – Publicado em: 01/06/2015.

## ANEXO 1 – CNAES DA CADEIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES

Divisão	Subclasse	Descrição do CNAE
	<a href="#"><u>1311-1/00</u></a>	Preparação e fiação de fibras de algodão
	<a href="#"><u>1312-0/00</u></a>	Preparação e fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão
	<a href="#"><u>1313-8/00</u></a>	Fiação de fibras artificiais e sintéticas
	<a href="#"><u>1314-6/00</u></a>	Fabricação de linhas para costurar e bordar
	<a href="#"><u>1321-9/00</u></a>	Tecelagem de fios de algodão
Fabricação de Produtos Têxteis	<a href="#"><u>1322-7/00</u></a>	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão
	<a href="#"><u>1323-5/00</u></a>	Tecelagem de fios de fibras artificiais e sintéticas
	<a href="#"><u>1330-8/00</u></a>	Fabricação de tecidos de malha
	<a href="#"><u>1340-5/01</u></a>	Estamparia e texturização em fios, tecidos, artefatos têxteis e peças do vestuário
	<a href="#"><u>1340-5/02</u></a>	Alvejamento, tingimento e torção em fios, tecidos, artefatos têxteis e peças do vestuário
	<a href="#"><u>1340-5/99</u></a>	Outros serviços de acabamento em fios, tecidos, artefatos têxteis e peças do vestuário
	<a href="#"><u>1411-8/01</u></a>	Confecção de roupas íntimas
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	<a href="#"><u>1411-8/02</u></a>	Facção de roupas íntimas
	<a href="#"><u>1412-6/01</u></a>	Confecção de peças de vestuário, exceto roupas íntimas e as confeccionadas sob medida

	<a href="#">1412-6/02</a>	Facção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas
	<a href="#">1412-6/03</a>	Facção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas
	<a href="#">1413-4/01</a>	Confecção de roupas profissionais, exceto sob medida
	<a href="#">1413-4/02</a>	Confecção, sob medida, de roupas profissionais
	<a href="#">1413-4/03</a>	Facção de roupas profissionais
	<a href="#">1414-2/00</a>	Fabricação de acessórios do vestuário, exceto para segurança e proteção
	<a href="#">1421-5/00</a>	Fabricação de meias
	<a href="#">1422-3/00</a>	Fabricação de artigos do vestuário, produzidos em malharias e tricotagens, exceto meias
	<a href="#">4616-8/00</a>	Representantes comerciais e agentes do comércio de têxteis, vestuário, calçados e artigos de viagem
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	01/09/4641	<a href="#">Comércio atacadista de tecidos</a>
	02/09/4641	<a href="#">Comércio atacadista de artigos de cama, mesa e banho</a>
	03/09/4641	<a href="#">Comércio atacadista de artigos de armarinho</a>
	<a href="#">4642-7/01</a>	Comércio atacadista de artigos do vestuário e acessórios, exceto profissionais e de segurança
	<a href="#">4642-7/02</a>	Comércio atacadista de roupas e acessórios para uso profissional e de segurança do trabalho
		01/05/4755
Comércio varejista	02/05/4755	Comércio varejista de artigos de armarinho
	03/05/4755	Comércio varejista de artigos de cama, mesa e banho

4781-4/00 Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios

---

## ANEXO II – QUESTIONÁRIO APLICADO

### **1. Em relação aos últimos 6 meses, para a sua empresa...**

- 1) Piorou muito
- 2) Piorou
- 3) Não se alterou
- 4) Melhorou
- 5) Melhorou muito

### **2. Em relação aos últimos 6 meses, para a economia de Pernambuco...**

- 1) Piorou muito
- 2) Piorou
- 3) Não se alterou
- 4) Melhorou
- 5) Melhorou muito

### **3. Em relação aos próximos 6 meses, para a sua empresa...**

- 1) Muito pessimista
- 2) Pessimista
- 3) Deve permanecer na mesma situação
- 4) Otimista
- 5) Muito otimista

### **4. Em relação aos próximos 6 meses, para a economia de Pernambuco...**

- 1) Muito pessimista
- 2) Pessimista
- 3) Deve permanecer na mesma situação
- 4) Otimista
- 5) Muito otimista

JHONATTAN WASHINGTON SILVA SABINO DOS SANTOS

**CÁLCULO DO ÍNDICE DE CONFIANÇA DO SETOR TÊXTIL E DE  
CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em 2023.2.

Aprovado em: 27/03/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Klebson Humberto de Lucena Moura (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Leandro Willer Pereira Coimbra (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francisco Ricardo Bezerra Fonseca (Examinador Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco